



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal O Globo**

Publicada em 11 de fevereiro de 2005

Jornalista: Quando o senhor fundou o PT qual era o seu ideal de ação no poder?

Presidente: Para resumir em poucas palavras, eu diria que o lema do Partido dos Trabalhadores sempre foi democracia e desenvolvimento econômico com distribuição de renda e inclusão social. O socialismo para o PT sempre foi uma idéia reguladora, de se buscar a justiça social, e não um "modo de produção". Foi a idéia de transformar o Brasil, dentro da democracia, que norteou a fundação do PT. Tenho para mim que o comportamento político do partido sempre foi pragmático e orientado para as reformas estruturais de que o País precisa. Quando me perguntavam se o PT ia ser tático ou estratégico, eu respondia: eu só quero fundar um partido. Tanto em nossa vida sindical, partidária, de oposição quanto agora, no governo, sempre defendemos e praticamos o diálogo democrático, a negociação política intensa. Não só porque esse diálogo é legítimo e justo, mas porque por meio dele estamos resolvendo problemas que nunca foram resolvidos. Na época da fundação do partido, enquanto alguns companheiros de esquerda queriam planejar a revolução social para dali a 20, 30 anos, nós optamos por mudar a realidade já, do micro para o macro: eleger vereadores, deputados, prefeitos, governadores... E foi com essa convicção, aliada a uma ação política prática e efetiva, que chegamos à Presidência da República em 2002.

Jornalista: Sua expectativa foi correspondida nesses dois anos de Governo?



Presidente: Quando a gente compara a situação em que pegamos o País - com a economia estagnada, dólar disparado, inflação descontrolada, relação dívida/PIB próxima da inviabilidade e carga tributária recorde - com a que nos encontramos agora, a sensação que eu tenho é de alegria, de estar cumprindo com a nossa obrigação. Satisfação eu não diria, porque ainda temos muito a fazer antes de ficar satisfeitos. Mas, sob qualquer ângulo que se observe, a situação do Brasil hoje é substancialmente melhor. Fizemos reformas fundamentais, que estavam paradas há anos no Congresso: a previdenciária, a tributária e a do Poder Judicial. Aprovamos novas leis de Patentes, Inovação e, mais recentemente, de Falências. A mudança se traduz nos números de 2004: a economia cresceu 5,3%, o maior índice da década, a indústria teve o maior crescimento em 18 anos, 8,3%, o risco-país foi o menor dos últimos sete anos, a dívida do setor público reduziu-se de 55% do PIB em 2002 para 53,7% em 2004, as exportações cresceram 60% em dois anos, atingindo o recorde de 96 bilhões de dólares e, com tudo isso, a inflação ainda caiu. O resultado social desse crescimento foi um recuo do desemprego, de 12,9% em 2003 para 9,6% em 2004, e a geração de dois milhões e 100 mil novos postos de trabalho em dois anos. Para os mais necessitados ou que estão fora do mercado de trabalho, o Bolsa-Família caminha na direção de se tornar o maior programa social do mundo: já atende seis milhões e meio de famílias, o equivalente a 20 milhões de pessoas. Além disso, avançamos na educação básica e estamos consolidando e ampliando o Prouni. Então, se você me pergunta se minha expectativa foi correspondida, eu diria que foi superada, embora eu saiba que ainda falta muito a ser feito.

Jornalista: Qual a melhor e a pior coisa do seu governo?

Presidente: Acho que esse tipo de avaliação cabe mais à sociedade e à imprensa que ao próprio governo. Eu diria que o mais importante é que



mudamos a agenda estratégica do País. Quando você prioriza de fato a questão social e a coloca no centro das políticas públicas - tanto internamente, nas medidas que implementamos no Brasil, quanto nos fóruns internacionais, por meio de uma política externa ativa - está contribuindo para que uma visão de mundo mais solidária comece a prevalecer. Não é possível que, em pleno século XXI, no estágio de civilização e de desenvolvimento tecnológico que nos encontramos, a pobreza e a miséria ainda sejam toleráveis. Tenho dito que a questão da fome é um problema de quem come. É claro que a nossa caminhada no governo é feita de erros e acertos - e a sociedade, a imprensa e o Congresso Nacional têm um papel fundamental na crítica e na correção de rumos. Acho que o lado ruim de qualquer governo é não ter condições de, rapidamente, superar problemas herdados do passado. Mas estou convencido de que, com firmeza de decisão e sem voluntarismo nem aventura, estamos avançando muito nesse sentido.

Jornalista: O que falta fazer ainda?

Presidente: Muita coisa. O Brasil precisa urgentemente de investimentos em infra-estrutura, por exemplo - que esperamos viabilizar tanto com a ação direta do Estado quanto por meio das Parcerias Público-Privadas que o Congresso acaba de aprovar. A luta para a redução da desigualdade social e regional é outra batalha que precisamos vencer. Para isso, um dos instrumentos fundamentais é a geração de emprego e de renda. Outro é a política de transferência de renda, como o Bolsa-Família, que até o final do nosso mandato atingirá todas as 11,2 milhões de famílias que estão abaixo da linha da pobreza, segundo o IBGE. Acredito firmemente que o Brasil entrou em um ciclo de crescimento sustentável, com geração de empregos e redução das desigualdades sociais, e está pronto para se manter no ritmo por mais 15, 20



anos. É por isso que tenho dito que estou otimista. Trata-se de um otimismo baseado em fatos, não em boa vontade apenas.